

TARTUS: UMA ANÁLISE DO CONFLITO SÍRIO SOB A PERSPECTIVA MARÍTIMA

Diego Rabelo Nonato

INTRODUÇÃO

O papel dos mares para o desenvolvimento de rotas comerciais e, conseqüentemente, para a defesa nacional é central em qualquer nação que almeja prosperidade. Alfred Thayer Mahan, almirante dos Estados Unidos da América, apontava que o domínio do mar é um dos requisitos fundantes para que um determinado Estado exerça sua soberania. Dessa forma, a compreensão de interdependência entre rotas comerciais marítimas e, defesa das águas é o mecanismo mais claro para o exercício soberano das águas (TOSTA, 1984).

Neste capítulo, pretende-se, brevemente, estudar as disputas contemporâneas desencadeadas no Oriente Médio, a partir da guerra da Síria e o papel emergente da Rússia como *player* que ressurge nas disputas políticas globais após o fim da União das Repúblicas Socialistas Sovéticas (URSS). Este

novo cenário vem imbuído de uma Rússia emergente no cenário internacional, em conjunto com a China e o seu ambicioso projeto *Belt Road*, o qual necessita dos portos marítimos do mediterrâneo.

A dimensão geopolítica deste conflito é inerente as transformações de hegemonia que o mundo tem experimentado neste primeiro quarto de século, que fez emergir uma aliança política, econômica e militar no oriente. A aliança Rússia e China, é capaz de preocupar o ocidente quanto ao seu papel hegemônico global. Este novo desafio impôs a principal potência militar do planeta uma reorientação para a contenção da emergência destes dois atores em um mundo que aparenta dissolver, dia a dia, a predominância exclusiva dos Estados Unidos da América.

Por outro lado, os EUA buscam recompor sua hegemonia por meio da reorganização do sistema internacional e da superação dos seus problemas econômicos. Desde 1970, os EUA se deparam com a multipolarização do sistema internacional e, ao mesmo tempo, com os crescentes problemas econômicos domésticos. A multipolarização tem evoluído por meio de movimentos diversos: a descolonização de países da periferia, como a maioria dos países afro-asiáticos; a industrialização e liderança regionais de países semiperiféricos como Brasil, Índia, África do Sul e China; a reconstrução, o desenvolvimento e a crescente independência da União Europeia; a recuperação da Rússia e de seu protagonismo diplomático; e a projeção do Japão e dos Tigres Asiáticos. Os processos de integração regionais revelam uma readequação das bases territoriais de acumulação do capital e, ao mesmo tempo, uma articulação político-diplomática entre os espaços global e nacional. Estes movimentos de longa duração acabam por diluir o poder dos EUA e por projetar novos contornos ao sistema internacional (PAUTASSO; OLIVEIRA, 2008, p.362).

A partir do desenvolvimento e da ampliação das conquistas territoriais do jihadismo, os primeiros anos da guerra oportunizaram à Rússia a retomada do protagonismo internacional desde a queda da União das Repúblicas

Socialistas Soviéticas (URSS). A Rússia da dupla Putin\Lavrov reposicionou o país na geopolítica mundial, a partir das relações e laços que a nação jamais deixou de manter com a Síria e, em setembro de 2015, o Kremlin estacionou seus caças a partir da única base militar que o país possui fora do seu território. Importante frisar que, ainda que o papel de protagonismo russo na guerra síria seja mais claro, os chineses estiveram em permanente apoio e interlocução com o país árabe.

A base aérea de Hmeymim e, o segundo maior porto do litoral sírio, Tartus, localizados em Lataquia, maior cidade do distrito, com uma população estimada em 118.000 habitantes em 2004, ambas situadas na província de Latakia no noroeste da Síria, foi palco da demonstração da força diplomática e militar que Moscou apresentou para o mundo, especialmente para os Estados Unidos da América e União Europeia.

Gradualmente, chineses e russos contruíram uma insistente oposição ao intervencionismo ocidental dentro das esferas da Organização das Nações Unidas (ONU). Em se tratando da Síria, até 2012, chineses e russos haviam rejeitado pelo menos três resoluções contra qualquer medida que pressionasse o governo de Bashar Al Assad, na sua luta contra os grupos terroristas e dissidentes.

A guerra da Síria iniciada em 2011 carrega um conjunto de camadas analíticas acerca do desdobramento dos confrontos que, de um lado, puseram o governo de Bashar Al Assad e seus aliados e, de outro, um complexo quadro de grupos apoiados por diferentes potências ocidentais. Dentre as muitas esferas de análise do processo conflituoso, é possível observar a relevância estratégica do país árabe para a região e conseqüentemente as implicações geopolíticas de uma substituição do governo por oposições sectárias e religiosas.

Diante do quadro do desenvolvimento do sistema capitalista e a sua incessante busca por lucros e novos mercados, as disputas nacionais estão alçadas como fator determinante nas relações políticas, econômicas e culturais, as quais, as populações estão submetidas. As diferentes classificações que atravessaram as décadas, somadas a dissolução da antiga União Soviética, trazem como resultado a classificação entre países desenvolvidos e em desenvolvimento. Ainda que haja lacunas nessa definição, de maneira sintética, ela é aceita como chave interpretativa para compreender as relações de poder no mundo do ponto de vista econômico.

A tradição hobbesiana aponta que as relações internacionais como uma guerra de todos contra todos; uma arena de combates em que cada Estado está em preso contra o outro. As Relações Internacionais, em uma perspectiva hobbesiana, representam o puro conflito entre Estados e se assemelha a um jogo que é inteiramente distributivo ou uma soma-zero: os interesses de cada Estado excluem os de quaisquer outros (BULL, 2002).

Conceitos e análises a partir de Edward Said e Salem Nasser são necessários para a compreensão da conjuntura, como a tentativa de localizar e contextualizar os conflitos daquela região, principalmente no que diz respeito ao peso que é dado a interpretação sectária. Sem dúvida que o componente religioso está presente, mas não parece responder a totalidade dos antagonismos e disputas que o Oriente Médio apresenta.

Portanto, ao apresentar o conflito, pretende-se desenvolver, brevemente, um enfoque na base de Tartus e seus desdobramentos militares, geopolíticos e comerciais que implicarão no relevante papel que irá desempenhar nos próximos anos. Consiste em um esforço inicial, um primeiro olhar sobre a centralidade estratégica dos mares sírios, a partir de Tartus, como elemento

decisivo na guerra da Síria e o futuro papel que o mesmo poderá desempenhar no projeto *Belt Road* chinês.

FUNDAMENTAÇÃO

A partir da Segunda Guerra, os EUA, ao lado dos soviéticos, emergiram como as principais potências globo. Com a queda da URSS no início da década de 1990, os Estados Unidos da América se tornaram a potência hegemônica no planeta, trazendo significativas transformações entre as relações interestatais. O peso dessas transformações pode ser verificado de diferentes maneiras a partir dos olhares regionais, ou seja, as regiões de maior disputa política têm o seu destino traçado pelo grau de relevância que as mesmas possuem para a política externa das principais potências globais sob comando dos EUA.

Na esteira dessas disputas interestatais, o Oriente Médio torna-se um fator estratégico de força, tendo em vista que representa o coração do mundo por conta da sua localização estratégica, próxima de seus adversários militares em potencial – Rússia e China – suas vastas reservas de recursos naturais, além do fator simbólico de encontro das três principais religiões: judaísmo, islamismo e cristianismo (NASSER, 2014). Dialogando com a Escola de teóricos do Realismo, parece-nos que o palco das Relações Internacionais, repete o cenário hobbesiano de incerteza e guerra perpétua de todos contra todos.

Nesse sentido, o novo Estado de natureza hobbesiano é caracterizado pela liderança política e militar dos EUA sobre os seus aliados da União Europeia e mais um bloco de países médios e orientais como Israel, Arábia Saudita e demais monarquias do Golfo, contra todos aqueles que optaram pela não submissão aos seus interesses, nesse caso China, Rússia, Irã, Síria etc. Nasser (2014) diz que a região é estratégica para o mundo, e que sua história é repleta de lutas e conquistas, mas também de um grande encontro de

civilizações há milênios, sendo parte estruturante da história do comércio mundial. A derrubada de Muammar Kadafi (ex-presidente da Líbia), a crise na Síria, o comportamento agressivo de Israel, o improvável avanço nas negociações para a criação de um Estado Palestino e as ameaças ao Irã e apresentam questões muito mais complexas e vitais do que aparentam. Trata-se de um aprofundamento das rivalidades militares que, erroneamente, se imaginavam enterradas ou adormecidas com o fim da União Soviética e a suposta ameaça comunista.

Mas é no palco sírio que percebemos uma importante mudança referente a grande disputa política contemporânea e o estabelecimento de novos atores que passam a resistir ao papel hegemônico global exercido até então pelos Estados Unidos da América. Na esteira das chamadas Primaveras Árabes que tem como marco inicial os distúrbios na Tunísia em 2010, o fenômeno chega à Síria em 2011, trazendo consigo o jihadismo do *Daesh* conhecido por “Estado Islâmico”, ou pela sigla ISIS.

A guerra da Síria, portanto, foi um importante capítulo da gradativa mudança de centro gravitacional exercida pela potência vencedora da Guerra Fria, os EUA, para uma nova emergência política, diplomática e militar da Rússia e da China, que rivaliza economicamente com os estadunidenses. Importante frisar, que ainda que o papel de protagonismo russo na guerra síria seja mais claro, os chineses estiveram em permanente apoio e interlocução com o país árabe.

Em se tratando da Síria, até 2012, chineses e russos haviam rejeitado pelo menos três resoluções contra qualquer medida que pressionasse o governo de Bashar Al Assad, na sua luta contra os grupos terroristas e dissidentes. A campanha russa na Síria teve início no segundo semestre de 2015, mais

precisamente em 29 de setembro, de modo que um conjunto de interesses podem ser expressos nesta ação. Entende-se que estas ações compreendem a base militar russa em Latakia na região ocidental do país e na fronteira com a Turquia, até os novos arranjos geopolíticos pretendidos pelos serviços de inteligência das potências ocidentais, passando pela real ameaça terrorista que sensibiliza russos e chineses, na questão chechena e Uigur, respectivamente. A determinação russa na Síria aliado a uma expressiva resistência do povo sírio e do seu governo, parece ter produzido nos Estados Unidos da América certa indecisão sobre como agir diante deste cenário. Do ponto de vista das alianças regionais, a oposição aos interesses imperialistas na região é denominada pelos seus próprios atores como “arco da resistência” e é capitaneado pelo Irã, Síria, Hezbollah libanês e o Hamas na Faixa de Gaza.¹

Além disso, a perda da Síria, ou seja, a substituição do seu governo por outro alinhado aos interesses ocidentais, fatalmente colocaria parte significativa da projeção de poder russa em cheque, além de mudar significativamente todo o tabuleiro da região.

O objetivo dos Estados Unidos e das demais potências ocidentais, no entanto, era assumir o controle do Mediterrâneo e isolar politicamente o Irã, aliado da Síria, bem como conter e eliminar a influência da Rússia e da China no Oriente Médio e no Magreb. A Rússia, desde 1971, estava a operar o porto de Tartus, na Síria, e projetava reformá-lo e ampliá-lo, como base naval, em 2012, de modo que pudesse receber grandes navios de guerra, garantindo sua presença no Mediterrâneo. Consta que Rússia também planejava instalar bases navais na Líbia e no Iêmen. E os Estados Unidos, ao financiar a oposição, na Síria, desde 2005-2006, visou a desestabilizar e derrubar o regime de Bashar Al-Assad [...] (MONIZ BANDEIRA, 2013, p.372).

¹ O grupo palestino participou deste bloco até o ano de 2012, quando, por conta do próprio conflito sírio, rompeu com Bashar Al Assad para apoiar uma parte da oposição ligada a Irmandade Muçulmana.

É na esteira desta caracterização que se pretende entender o conflito sírio e o papel da Rússia através da sua única base militar fora do seu território, centrando na importância estratégica do seu dispositivo naval.

Em águas mediterrâneas, a base de Tartus na Síria possui uma valiosa opção estratégica para os russos e, o seu centro de comando, teve um peso determinante no reequilíbrio do conflito em favor do governo Assad. A sua localização estratégica proporciona à Rússia, além de uma saída para o mar mediterrâneo, capacidade de maior autonomia para os combatentes aliados da síria na região oeste do país, local em que se encontra diferentes grupos que tentaram derrubar o governo.

Dessa forma, compreende-se que a campanha marítima liderada pela Rússia mudou o rumo da guerra e suas resultantes. As implicações, caso os russos e sírios tivessem sido derrotados militarmente, colocaria o projeto dos Estados Unidos da América e aliados regionais em uma condição elevada na disputa política global.

Neste cenário, o conflito certamente estaria em outro patamar, profundamente desfavorável ao chamado “Arco da Resistência”, como aponta Marcelo Buzetto (2019, s/p):

Caso a derrota da Síria se tornasse uma realidade, isso permitiria suprimir a presença da Rússia, de suas bases navais na Síria (Tartus e Latakia); cortar as vias de suprimento de armas para o Hizballah, baluarte dos xiitas contra as investidas de Israel no sul do Líbano; contero avanço da China sobre as fontes de petróleo; isolar completamente e estrangular o Irã. Dessa forma os EUA e seus cúmplices da União Européia teriam, com a derrota de Muammar Al Gaddafi, na Líbia, e de Bashar Al-Assad, na Síria, o pleno domínio territorial do Mar Mediterrâneo, e tal equação mudaria completamente o equilíbrio de forças e a geopolítica regional e, por que não, mundial.

O capítulo seguinte desse choque de potências regionais e globais deve ganhar um novo componente com a entrada mais visível da China no tocante ao desenvolvimento econômico daquela região. Este é passo seguinte para compreender o papel dos mares sírios, em especial o porto de Tartus para o desenvolvimento não apenas do país árabe, como também de toda região que emerge como novo centro dinâmico da economia global.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este capítulo apontou aspectos iniciais sobre a relevância do porto de Tartus na retomada da projeção russa enquanto potência que rivaliza com a hegemonia estadunidense. Isso ocorre pelo fato de que, ainda que a guerra esteja resolvida do ponto de vista militar, o conflito ainda se arrasta com questões por resolver que consiste: a) na ocupação estadunidense no norte da Síria em aliança com grupos curdos autodenominados como Forças Democráticas Sírias (SDF); b) na ocupação da Turquia na região de Afrin, através de forças proxy; e c) na ocupação, pelo jihadismo, da região oeste no país na província de Idlib.

Este aspecto não foi explorado no momento, pois, isso acarretaria um tipo de análise que requereria mais tempo e detalhamento, ainda que, a estratégia militar a partir do porto de Tartus tenha relevância.

Os laços entre russos e sírios datam desde a extinta URSS e, a ascensão de Hafez al Assad, na década de 1970, foi um fator determinante para o desenvolvimento dos laços de amizade entre ambos, tendo seu ápice a conclusão de um acordo em 1971 da base naval de Tartus. Sua localização geoestratégica permitiu aos soviéticos, acesso ao mar Mediterrâneo e, em 1980, o Tratado de Amizade e cooperação sírio-soviética foi assinado (PICOLLI; MACHADO; MONTEIRO, 2016).

Tão importante quanto o seu papel militar desempenhado até aqui neste conflito, as perspectivas para o porto de Tartus recoloca a centralidade da disputa pelos mares como elemento chave para uma reconstrução futura. É sabido que este processo já foi retomado e o governo sírio compreende a necessidade de retomar os mais variados ramos da economia, os quais foram duramente atingidos pelos distúrbios.

O papel de Tartus, para o conflito atual sírio e, para a sua reconstrução a partir da retomada das relações comerciais com o mundo é extremamente relevante quando levada em consideração o projeto *Belt Road*. Para isso, a tese de Mahan emerge como absolutamente atual para a compreensão que combina a ação comercial e a ação de defesa como um binômio inseparável. Compreendendo esta premissa, toda a energia e atenção devem ser prestadas para garantir a máxima segurança das rotas e saídas para que o Estado possa dispor de suas rotas comerciais e o benefício concernente dos proventos comerciais e econômicos advindos do teatro marítimo (MAHAN, 1987).

Essa deve ser a atenção que o Estado sírio e seus parceiros regionais devem desempenhar no próximo período. Por fim, a atração pelo tema se aprofundou a partir das Primaveras Árabes, fator que jogou luz sobre os acontecimentos naquela parte do mundo e que, agora, se apresenta como mais um aspecto de extrema relevância para a análise geopolítica. O viés da soberania dos mares é uma importante categoria de análise que precisa ser aprofundado diante das distintas transformações comerciais que se avizinham.

REFERÊNCIAS

BUZETTO, Marcelo *A Batalha da Síria e a nova geopolítica do Oriente Médio*, 2019 Disponível em: <<https://revistas.marilia.unesp.br>>. Acesso em: 08 de out. de 2022.

MAHAN, A. T. *The Influence of Sea Power upon History 1660-1783*. New York: Dover Publications, 1987. 557p.

MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. *A Segunda Guerra Fria: geopolítica e dimensão estratégica dos Estados Unidos – Das rebeliões na Eurásia à África do Norte e ao Oriente Médio*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

NASSER, Salem. *Espaço Público recebe Salem Nasser*. 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5n0BzZ_I3Pk> Acesso em: 10 de maio de 2021.

NASSER, Salem. *Seminário Chacina na Síria*. 2013. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=jZ3NZrBLFlg>>. Acesso em: 10 de julho de 2021.

NASSER, Salem. *Uma Linha na Areia*. 2016. Disponível em: <<http://www.icarabe.org/noticias/uma-linha-na-areia>>. Acesso em: 21 out. 2021.

NEGRI, Vincent. *Estudo Jurídico sobre a Proteção do Patrimônio Cultural por meio das Resoluções do Conselho de Segurança das Nações Unidas: O patrimônio cultural sob o prisma da resolução 2199 do Conselho de Segurança*, 2015. Disponível em: <http://www.unesco.org/fileadmin/MULTIMEDIA/HQ/CLT/pdf/Portuguese_Etude_negri_RES2199.pdf> Acesso em: 29 de setembro de 2021.

NONATO, Diego Rabelo. *Destruição e Proteção de Palmira*. Dissertação de mestrado em Memória Social e Patrimônio – Universidade Federal de Pelotas, 2021.

PAUTASSO, Diego. OLIVEIRA, Lucas Kerr de. A Segurança Energética da China e as Reações dos EUA. *Contexto Internacional*. Rio de Janeiro, V.30, N.2, maio/agosto 2008. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/cint/a/5pvs6sqYCFz3HDtwNLTQkG/?lang=pt>> Acesso em: 1 set. 2022.

PICCOLLI, Larlecianne; MACHADO Lauren; MONTEIRO, Valeska. A Guerra Híbrida e o Papel da Rússia no Conflito Sírio. *Rev. Bra. Est. Def.* 3 (1): 189-203, 2016. Disponível em: <<https://rbed.emnuvens.com.br/rbed/article/view/63960/37927>>.

SACHS, J. Como deixar de Alimentar o Terrorismo. *Valor Econômico*, 2015. Disponível em: <<http://www.valor.com.br/opinia0/4323276/como-deixar-de-alimentar-o-terrorismo>> Acesso em 2 de setembro de 2022.

SAID, W. *Orientalismo: o oriente como invenção do ocidente*. Tradução Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

TOSTA, Octavio. *Teorias Geopolíticas*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1984. 103p.